

Euro está no nível mais baixo dos últimos 20 anos - e pode valer menos do que o dólar já em agosto

[E expresso.pt/economia/2022-07-06-Euro-esta-no-nivel-mais-baixo-dos-ultimos-20-anos---e-pode-valer-menos-do-que-o-dolar-ja-em-agosto-9842462b](https://expresso.pt/economia/2022-07-06-Euro-esta-no-nivel-mais-baixo-dos-ultimos-20-anos---e-pode-valer-menos-do-que-o-dolar-ja-em-agosto-9842462b)

Economia



dado ruvic/reuters

O câmbio do euro caiu esta quarta-feira para 1,02 dólares, um mínimo de duas décadas. A desvalorização do euro já soma 9,5% desde início do ano. Analistas esperam que desça abaixo da paridade no próximo mês

6 julho 2022 13:10

Jorge Nascimento Rodrigues

Jornalista

O euro nunca valeu tão pouco face ao dólar norte-americano desde dezembro de 2002. Há quase vinte anos, que a moeda única não se aproximava da paridade com a divisa dominante no mundo. Esta quarta-feira, o câmbio abriu em 1,02 dólares, uma queda de

9,5% face ao final do ano passado. A trajetória de depreciação vem de trás, desde junho de 2021, quando o euro ainda se trocava por 1,23 dólares. E pode não ficar por aqui.

Marc Chandler, analista em Wall Street, nos Estados Unidos, e Éric Dor, diretor de estudos económicos na Universidade Católica de Lille, em França, ouvidos pelo Expresso, **admitem que a atual trajetória de desvalorização do euro face ao dólar empurre a moeda única para uma taxa de câmbio inferior ao dólar em agosto.**

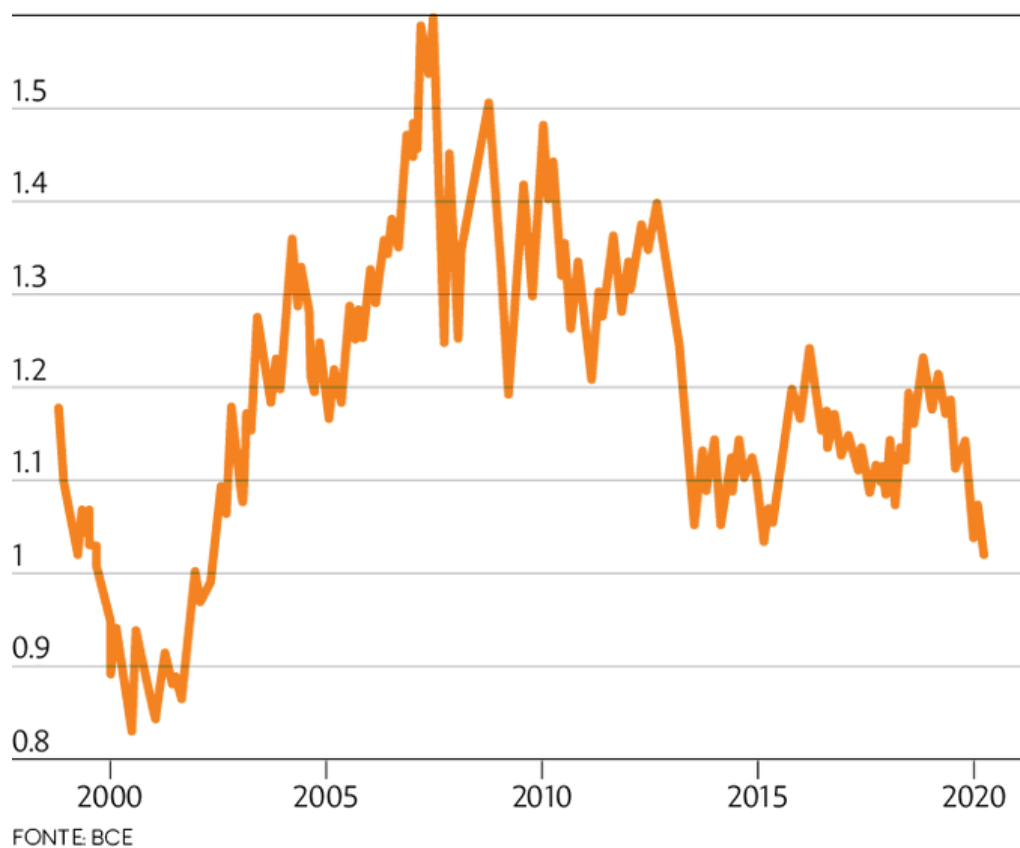
Desde o início do euro, **o câmbio médio esteve próximo de 1,2 dólares e um máximo foi registado em meados de julho de 2008 com o euro a valer quase 1,6 dólares.** A moeda única só caiu excepcionalmente abaixo da paridade entre 2000 e 2002, com um mínimo ligeiramente inferior a 0,9 dólares, em julho de 2001. "É possível e muito provável um ciclo do euro abaixo do dólar. Mesmo depois da próxima reunião do Banco Central Europeu (BCE) a 21 de julho, um regresso a uma tendência de valorização do euro face ao dólar, se ocorrer, será sol de pouca dura", sublinha Ricardo Cabral, professor do ISEG, em Lisboa. "A tendência é clara para a depreciação do euro abaixo da paridade e era previsível desde a introdução das sanções económicas à Rússia", acrescenta o economista português.

A depreciação do euro acaba por ser mais um fator externo de aumento da inflação, através da inflação importada com as matérias-primas e os produtos importados faturados em dólares a ficarem mais caros em euros - isto acontece porque são precisos mais euros para pagar a mesma fatura em dólares. Para pagar uma fatura de 100 dólares no final do ano passado eram precisos 88 euros; agora são necessários 98.

O quadro geopolítico na Europa, gerado pela nova fase do expansionismo russo, não ajuda. "A instabilidade geopolítica em território europeu pode criar **um sentido de desvalorização secular** que não desaparecerá só pelo efeito de implementação da política monetária mais contracionista", alerta Diogo Martins, investigador do Observatório sobre as Crises e as Alternativas do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

EURO CAI PARA MÍNIMO DE 20 ANOS

Cotação do euro em dólares



Divergência no aperto monetário

Os analistas tendem a concordar que a depreciação do euro se deve sobretudo à enorme divergência entre o ritmo de aperto da política monetária nos Estados Unidos e na Zona Euro. "Há vários fatores, mas, em primeiro lugar, a diferença no ritmo e envergadura da política monetária é muito grande, com um diferencial substancial da taxa diretora a favor do dólar", refere o professor francês.

A Reserva Federal norte-americana (Fed) já realizou três subidas da taxa diretora este ano e o BCE só a 21 de julho inicia o ciclo, e com um aumento moderado de 25 pontos-base (um quarto de ponto percentual). As projeções dos banqueiros da Fed apontam para uma taxa de 3,4% no final deste ano. O BCE subirá a taxa diretora para 0,25% no final de julho e poderá aumentá-la para 0,5% em setembro (altura em que Christine Lagarde prometeu que a taxa de remuneração dos depósitos, atualmente em -0,5%, sairá de terreno negativo). Mesmo que o surto inflacionário no segundo semestre do ano obrigue o BCE a decidir aumentos de meio ponto percentual nas três últimas reuniões do ano (8 de setembro, 27 de outubro e 15 de dezembro), a taxa no final do ano ficará abaixo de 2%.

O diferencial de quase 1,5 pontos percentuais entre as duas taxas diretoras no final do ano poderá consolidar um ciclo em que o euro se depreciará a ponto de registrar câmbios inferiores à paridade com o dólar.

Contexto diferente de há 20 anos

Essa situação excepcional, de fraqueza extrema do euro face ao dólar, com a taxa de câmbio abaixo da paridade, registou-se entre 2000 e 2002, mas as circunstâncias, então, eram diferentes das atuais em aspetos importantes.

A economia da zona euro estava em desaceleração acelerada (cresceria menos de 1% em 2002) e as taxas diretas do BCE desceram de 3,25% para 2,75% sob a liderança de Win Duisenberg, o primeiro presidente do banco da moeda única. Então, os Estados Unidos abrandariam o crescimento económico para 1% em 2001 e recuperariam para 2,8% no ano seguinte, num ciclo de taxas da Fed que caíram abruptamente de 6% em janeiro de 2001 para 1,25% em novembro do ano seguinte sob a liderança de Alan Greenspan.

Em suma, o câmbio do euro abaixo da paridade entre 2000 e 2002 deu-se num quadro em que o abrandamento económico foi muito mais forte na zona euro, mas as taxas dos bancos centrais eram muito mais baixas nos EUA do que no espaço da moeda única a partir de dezembro de 2001.

Graus de dor diferentes

Os analistas ouvidos pelo Expresso acrescentam ainda um ponto de fraqueza maior para a zona do euro. Apesar de os dois presidentes da Fed e do BCE terem admitido, recentemente, no Fórum em Sintra organizado por Christine Lagarde, que o aperto da política monetária vai implicar "dor" (para a economia, o emprego e as famílias), as dores podem ser diferentes nos dois lados do Atlântico Norte. E os investidores estarão a "sentir" essas diferenças cada vez com mais clareza.

"A Europa parece estar sintonizada com a recessão. Comparo a situação com a de um tipo que saltou do cimo de um arranha-céus aqui em Nova Iorque e as pessoas no 35º andar veem-no a cair e ainda dizem que ele está bem", ironiza o analista norte-americano. Para Éric Dor, "há uma fonte de desconfiança face ao euro que vem dos riscos de recessão e dos problemas na Alemanha, que é o motor da zona euro e que está ameaçada com vários problemas, desde as componentes importadas, ao aprovisionamento de gás e petróleo, até ao ponto de registar défice comercial em maio pela primeira vez desde 1991".

Mas as dores podem ser ainda mais abrangentes, com o risco adicional de uma crise das dívidas públicas regressar na zona euro, se o BCE não for convincente e robusto no mecanismo de ataque à especulação - à fragmentação, no termo técnico usado na linguagem oficial de Frankfurt - que já prometeu discutir na próxima reunião. Recorde-se que, a ausência a uma resposta ao problema na reunião de 9 de junho, levou a um ataque especulativo sobretudo à dívida italiana, que obrigou o BCE a uma reunião de emergência seis dias depois, onde avançou com o estudo do "novo mecanismo anti-fragmentação".

"As declarações, esta semana, do presidente do Bundesbank, Joachim Nagel, parecem minar as esperanças de uma ferramenta de desfragmentação na próxima reunião", adianta Marc Chandler. Nagel apelou à "precaução" em usar, de facto, as políticas monetárias não-convencionais para limitar o prémio de risco que os mercados impõem às

dívidas públicas. Disse mesmo que isso meteria "em apuros" a zona euro. "O presidente do Bundesbank mostrou claramente a sua oposição a que um tal programa novo seja de grande amplitude e de longa duração e indicou que o BCE se deve focar na luta contra a inflação", refere, também, Éric Dor. "Para Nagel, para comprimir os prémios de risco (spreads) são os países sobreendividados que devem levar a cabo políticas de austeridade orçamental para limitar os défices e as dívidas", acrescenta o economista francês.

Face a divergências dentro do BCE sobre o perfil do novo mecanismo prometido e à incerteza do que sairá da reunião de julho, "para os mercados, as possibilidades reais do BCE controlar os spreads, e assim conservar a integridade da união monetária, continuam envoltas em incerteza, o que alimenta, ainda mais, a desconfiança dos mercados face ao euro", conclui Dor.

"Se o mecanismo prometido pelo BCE não tiver contornos interpretados como plausíveis pelos mercados internacionais, isso pode contribuir para adensar a instabilidade e promover a trajetória de depreciação do euro face ao dólar", refere, por seu lado, Diogo Martins.

Economia



Lembram-se de quando o grande medo era a deflação? "Agora entendemos bem o quão pouco percebemos sobre inflação", diz Powell em Sintra

[Leia também](#)

A fragilidade do euro como moeda de reserva

Diogo Martins adiciona uma razão complementar para a depreciação do euro face ao dólar. "As causas da desvalorização extravasam a causa imediata das divergências de política monetária", avança. "O dólar e o euro são as duas maiores moedas de reserva internacional do sistema monetário mundial. O que observamos é que, dada a instabilidade que o euro revela em momentos de crise, a moeda única acaba por perder em termos relativos face ao dólar na função de reserva de valor", explica o investigador.

A consequência geomonetária é que "os investidores internacionais em busca de uma 'moeda segura' aumentem a procura relativa do dólar face ao euro, contribuindo ainda mais para a depreciação deste último", conclui Diogo Martins. Ricardo Cabral concorda: "Há uma perda de confiança no euro, nomeadamente como reserva de valor que diversifique o risco face ao dólar".

Economia



Combate à inflação: 65 bancos centrais já subiram 171 vezes as taxas de juro este ano

Leia também

A maior ameaça para a economia portuguesa

Se o euro mais fraco encarece as importações, tem um outro efeito que não pode ser esquecido, recorda o investigador de Coimbra. "A depreciação do euro é um resultado positivo para a economia portuguesa. Estudos empíricos recentes apontam para a importância das taxas de câmbio competitivas para o crescimento e a diversificação das exportações de países com estruturas produtivas mais frágeis e em processo de convergência", refere Diogo Martins.

Por isso, o investigador considera que "a maior ameaça" para a economia portuguesa não é a depreciação do euro, mas "a instabilidade da zona euro num contexto de subidas das taxas de juro sem salvaguardar a estabilidade macroeconómica no domínio do financiamento público e privado nos mercados internacionais". Mas sobre este ponto crítico, diz Martins, "é difícil fazer previsões substantivas até à próxima reunião do BCE a 21 de julho".